

Brasil em Números 2007: Indústria

David Kupfer

(Coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade
do Instituto de Economia da UFRJ - GIC-IE/UFRJ)

Maio de 2007

Em 2006 a indústria brasileira manteve a trajetória de expansão suave iniciada no ano anterior, tendo apresentado um ritmo de crescimento da produção de 2,8%, ligeiramente inferior, portanto, ao verificado em 2005 (3,1%). Porém, na análise do desempenho em termos semestrais, observou-se uma expansão de 2,6% no primeiro semestre e de 3% no segundo semestre de 2006, diferentemente do ocorrido em 2005, quando o segundo semestre caracterizou-se por uma importante contração no ritmo de expansão da indústria (1,4% ante 5,0%). Para muitos analistas, a aceleração do ritmo do crescimento no segundo semestre de 2006 sinaliza uma tendência mais firme de que a indústria consiga manter um ritmo sustentado de crescimento nos próximos anos.

Em termos da composição da produção industrial, algumas tendências importantes tornaram-se visíveis em 2006, refletindo os efeitos de um quadro econômico peculiar em que um cenário externo altamente benigno e um panorama no mercado interno bem menos favorável conviveram durante todo o transcurso do ano. O entendimento de que os focos inflacionários surgidos ao final de 2004 ainda não estavam totalmente debelados levou os formuladores da política econômica a optarem pela preservação da linha de gestão conservadora da política monetária. Na prática, isso significou a adoção de um cronograma de queda da taxa básica de juros bastante gradual, a despeito da forte tendência à valorização do Real frente ao dólar americano que caracterizou todo o ano de 2006.

A conjugação de mercado interno pouco ativo e competitividade externa reduzida pela componente da apreciação cambial provocaram efeitos diferenciados no tecido industrial. Em termos das seções da indústria, os desempenhos das indústrias extrativa e de transformação em 2006 foram bastante assimétricos, com a primeira revelando dinamismo muito maior do que a segunda (7,3% e 2,6% respectivamente), tal qual já havia ocorrido em 2005.

Observando-se os diferentes ramos de atividade, predomina também uma forte assimetria no comportamento da indústria em 2006. Mesmo os setores exportadores que vinham se beneficiando do ciclo altista de preços no mercado internacional, geralmente relacionados à produção de commodities tais como "Metalurgia" ou "Celulose", não conseguiram resultados muito favoráveis ao longo do ano de 2006, mantendo taxas de crescimento de 2,8% e 2,1%,

respectivamente. Setores da indústria tradicional como "Vestuário" e "Calçados" ou fornecedores domésticos de insumos como "Produtos de metal", "Outros produtos químicos" e "Material eletrônico" apresentaram contração dos níveis absolutos de produção. Já setores apoiados em importações de partes e peças como "Farmacêutica", "Máquinas elétricas" e "Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar", além de "Bebidas" e "Mobiliário", cresceram a taxas significativamente mais altas do que a média da indústria. Os demais setores limitaram-se a taxas de crescimento entre 1% e 2% no ano. Não se pode deixar de destacar, porém, o setor "Equipamentos para informática" que apresentou um crescimento de 51,5% da produção em 2006, repercutindo de modo extremamente favorável os programas disparados pelo governo visando o barateamento dos computadores e o maior acesso da população aos recursos de informática.

O comportamento assimétrico dos ramos industriais fica claro quando se observa a evolução da produção industrial por categorias de uso. Em 2006, a produção de bens de capital apresentou um significativo crescimento de 5,7%, fornecendo um sinal claro de um fato altamente positivo, qual seja, o de que um ciclo de investimento parece estar em gestação no país. Já o setor de bens de consumo duráveis, como era esperado, começou a dar mostras de que o efeito dinamizador do aprofundamento do crédito no país iniciado em 2004 está se esgotando. Isso se refletiu na contração da taxa de crescimento de 11,4% em 2005 para 5,8% em 2006, valor que embora permaneça como o maior dentre todas as categorias de uso, já não se destaca tanto no conjunto da indústria de transformação. Digno de registro foi a ampliação da produção de automóveis, que superou a marca de 2,6 milhões de unidades em 2006.

Na outra ponta, os bens de consumo semi-duráveis e não-duráveis apresentaram uma contração no ritmo de expansão, que reduziu-se de 4,6% em 2005 para apenas 2,7% em 2006. Nesse caso, predominaram os efeitos do aumento das importações desses bens, conseqüente à taxa de câmbio efetiva muito baixa que vigora para esses segmentos, como já comentado.

Finalmente, a categoria de bens intermediários vem constituindo um capítulo à parte na indústria brasileira. Embora a taxa de crescimento desses setores tenha apresentado uma melhora, subindo de pouco menos de 1,0% em 2005 para 2,1% em 2006, esses números não são suficientes para que se deixe de considerá-los como um sub-conjunto recorrentemente pouco dinâmico da indústria brasileira. De fato, os indicadores de grau de intensidade de energia elétrica das atividades industriais mostram que os setores eletro-intensivos, uma parte relevante dos ramos de bens intermediários, vêm se expandindo mais vagarosamente que a média da indústria. Também os números referentes a

quantidades produzidas em 2006 apontam para uma redução da produção física de aço, petróleo e gás natural.

Finalmente, no plano espacial, os dados da Pesquisa Industrial registram que em 2004 a região Sudeste concentrava 53,9% do número de empresas, 54,1% do pessoal ocupado, 60,4% do valor da produção e 63,3% do valor adicionado pela atividade industrial no país. Em termos das unidades da federação, o quadro é similar: o estado de São Paulo respondia por 33,2% das empresas, 36,2% do pessoal ocupado e 40% do valor da produção ou do valor adicionado industrial no país. Esses dados mostram que apesar da existência de uma tendência à realocização espacial da indústria brasileira desde o início da década de 1990, esse movimento ainda não alcançou fôlego suficiente para impactar de um modo mais consistente a distribuição da atividade industrial no território brasileiro.